

TEXTO

3 GUERREIRAS: DO FOGO, DA ÁGUA E DA FÉ

Autor: NATAN DUARTE

Maria Felipa

(Texto em primeira pessoa) (Adereços: bacia, água, sacola com peixe fresco, tabua de tratar carne de madeira, saia rodada, torso, vaso de barro com areia, pequenos barcos de madeira, correntes, cesto de palha, esteira de palha, barcos de papel, pedras)

(DERRAMA AGUA NUMA BACIA METÁLICA. BRINCA COM A AGUA. POE NA BACIA BARCOS DE PAPEL)

Maria Felipa - Sou cria do mar, dessas águas da Bahia. Águas que me alimentaram, me banharam, me defenderam. As mesmas águas por onde chegaram estrangeiros para se apossar dessa terra Tupiniquim, por onde barcos repletos de soldados tentaram de toda forma manter o Brasil colônia de Portugal...

(MUSICA) (ARRUMA OS ADEREÇOS NA CENA SOBRE A ESTEIRA, RETIRANDO-OS DE UM CESTO DE PALHA)

- Minha história se confunde com essas águas. São idas e vindas, como o bailar das marés. À luz da lua me criei, de pés no chão, colhendo desse mar o meu sustento.

Sou filha de Arraial da Ponta das Baleias, que hoje vocês devem conhecer como Ilha de Itaparica. Esse nome atual, em tupi, significa "cerca de pedra", devido aos recifes de corais que a rodeiam. Ela tem 36 km de comprimento e uma superfície de 180 km², e atualmente abriga 36 localidades... (ENQUANTO NARRA DERRAMA NO CHÃO AREIA DE UM VASO. AO REDOR DISPOE PEDRAS)

Quando nasci? Ah, isso não vem ao caso, até porque ninguém sabe datar certamente, nem mesma eu. Mas sei que estava de pé em 1822 e só entreguei meu corpo em 1873. Sim, não morri nova. Nova eu estava ali, na beira d'água, lutando com unhas e dentes pela minha Bahia, pelo meu Brasil.

Muitos de vocês talvez nem tenham ouvido falar de mim. Outros talvez tenham uma imagem equivocada, de uma mulher estudada, branca, vestindo roupas requintadas... Não, essa certamente não sou eu...

Ah, como eu era linda! Uma negra alta, corpulenta, conhecida por minha grande força física. Se você me encontrasse pelas ruas provavelmente me veria Vestindo saias rodadas ou batas, com um lindo torso armado na cabeça e calçando chinelas, isso quando não eu estava com os pés descalços sentindo o calor da areia...

Não! Eu nunca deixaria que me tirassem o direito de banhar meus pés calejados no mar!

(RETIRA UM PEIXE DE UMA SACOLA E O TRATA NUMA TABUA, USANDO PEIXEIRA)

- Nasci escrava, mas depois de liberta coloquei a liberdade como maior tesouro de minha vida. Fui trabalhadora braçal, pescadora e marisqueira. E amava isso: Lagostas, camarões, caranguejos, mexilhões, ostras, lulas, polvos, ouriço do mar, que chamamos carinhosamente de pinaúnas... me lembro da sensação de pesca-los, de preparar pratos deliciosos, de vende-los. Era essa a minha riqueza, estar na e com a natureza, natureza que me moldou e me fez mulher. A mesma natureza que os portugueses queriam continuar explorando.

Eles sugaram tanto de nós, e ainda queriam mais. Pra eles não era o bastante a minha avó ter servido a eles, acorrentada e chicoteada. O cheiro do suor de minha mãe misturado com seu sangue, no tronco... as lágrimas salgadas que escorriam de minha face... Eu sinto e carrego a dor de gerações de pessoas que não eram vistas como gente... eu negra, preta liberta.

(ESFAQUEIA E PARA DE TRATAR O PEIXE)

- Não! Eu não ia ficar sentada e entregar à sorte o meu destino. Meus filhos não iriam viver o que eu vivi, o que minha mãe viveu, o que minha avó sofreu... Eu precisava garantir um pedacinho de chão seguro. Então, quando vi os barcos portugueses se aproximarem pela enseada uma guerreira se revelou em mim. Uma mãe de muitas gerações que estariam por vir. Eu, analfabeta, conto pra vocês a minha saga através das palavras de Eny Kleyde Vasconcelos Farias, que me chamou de *Maria Felipa de Oliveira - Heroína da Independência da Bahia*.

Não, eu não queria ser guerreira ou heroína. Queria só ser feliz. Mas aprendi que felicidade não é um presente dado, é algo que se conquista. (OLHA AS CORRENTES)

Numa noite percebi que os soldados portugueses, apesar de ser contra nós, também eram pessoas, tinham desejos e necessidades. Tinham fraquezas. Estudei por algum tempo seu comportamento.

(ORGANIZA OS BARCOS DE MADEIRA NO CENARIO)

- Mapeei como atracavam os barcos, quando chegavam, por onde viam... à noite era melhor. Eu conhecia a região e eles estavam no escuro.

Um espírito de liderança emanou de mim. Em pouco tempo reuni um grupo de mais de 40 mulheres e homens de classes e etnias diferentes, vigiávamos a praia dia e noite e a fortificamos com trincheiras para prevenir a chegada do exército inimigo.

A ilha era um local estratégico para portugueses e baianos, pois está no caminho entre a foz do Rio Paraguaçu e a Baía de Todos os Santos, por onde entrava a maior parte dos víveres que abasteciam a cidade de Salvador. Nós sabíamos disso e eles também.

Ocupar Itaparica era condição indispensável para que os portugueses pudessem ter acesso a alimentos, que já não chegavam do sertão por terra, pois os baianos, liderados por Pedro Labatut, general francês contratado para comandar as tropas brasileiras, haviam formado uma barreira em Pirajá.

(SE ARRUMA COM SAIA RODADA)

- Minha campanha reunia índios, negros livres e escravizados — africanos e brasileiros e até alguns portugueses, que eram a favor da independência do Brasil, e que organizavam a resistência na ilha.

Uma de nossas estratégias era reunir um grupo de mulheres que começavam a dançar na praia, de modo insinuante. Quando os portugueses se aproximavam, nos atirávamos sobre eles com os molhos de cansaço que estavam ocultos sob os arbustos. Era uma surra de cansaço.

Não hesitávamos em usar adagas e facões. Também os envenenávamos. Eles passavam muito tempo no mar, e em terra não recusavam uma bebida com as mulheres da ilha.

Durante o tempo em que durou a nossa batalha, queimamos cerca de 40 embarcações, de todos os tamanhos (DERRUBA OS BARCOS).

Acha que estou exagerando? Talvez.

(COMEÇA A GUARDAR AS COISAS NO CESTO DE PALHA)

- Talvez não tenham sido 40... talvez nem todos elas tenham sido queimados por mim e meus pares. A verdade dos fatos ninguém nunca saberá. Pra vocês, faltam provas documentais. Mas que homem branco soldado documentaria a derrota portuguesa liderada por uma mulher, negra e marisqueira? Há muita lacuna em seus livros de história e cabe a vocês questionarem as narrativas...

Bem, se eu existi de fato? Não encontrarão a minha certidão de nascimento em nenhum museu, ou fotografias minhas empunhando peixeiras e seduzindo ao luar. Mas se perguntarem por ai, pela ilha, pelo recôncavo, me chamarão de Maria Felipa, negra, marisqueira, heroína da independência!

(MUSICA)

Joana Angélica

(Texto em terceira pessoa) (Uso de Abayomis) (Adereços: Manto azul, terço, vários livros, jornal)

Maria Felipa / Maria Quitéria (lendo jornal) - Nos primeiros dias de insegurança e medo que tomaram conta da cidade da Bahia, em fevereiro de 1822, a abadessa Joana Angélica se tornou a primeira heroína e mártir da independência.

O general português Madeira de Melo enfrentava a oposição do comando dos militares brasileiros com violência. Durante o ataque ao quartel da Mouraria, os soldados portugueses tentavam invadir o Convento da Lapa em busca de armas e inimigos supostamente escondidos.

Já com 60 anos e pela segunda vez na direção do Convento, a religiosa tentou impedir a entrada de soldados no ambiente feminino...

(MUSICA INSTRUMENTAL) (REZA UM TERÇO ENQUANTO VESTE O MANTO) (DURANTE A CENA USA AS BONECAS)

Joana Angélica manipulando abayomis no cenário - Joana Angélica nasceu durante o período colonial, em Salvador, em 12 de dezembro de 1761.

Seu pai, José Tavares de Almeida, nasceu no Vale de Cambra e foi batizado na igreja de São Pedro de Castelões em 5 de setembro de 1728. Foi capitão do exército português, posteriormente enviado para a Bahia. Aqui, se casou com a soteropolitana Catarina Maria da Silva, na Igreja de Nossa Senhora da Piedade dos Frades Capuchinhos, em 30 de janeiro de 1758. Tiveram um filho homem, Domingos Tavares da Silva e Almeida, que também serviu a Portugal e chegou até o posto de capitão. Foram uma família rica da capital baiana.

Mas a nossa história não falará dos homens soldados. Falaremos da mulher de fé.

(MUSICA)

Joana Angélica tinha 20 anos, quando foi aceita, em caráter de exceção, para o noviciado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa em 1782. A profissão da fé foi feita no ano seguinte, quando ingressou como irmã da Ordem das Religiosas Reformadas de Nossa Senhora da Conceição e passou a se chamar Joana Angélica de Jesus. Dez anos depois, foi escritã do convento, função que exerceu até 1812. Depois foi escolhida abadessa, a madre superiora do mosteiro, permanecendo apenas por 2 anos nesse cargo. No entanto, em 1815 assumiu novamente tal função.

A madre Joana Angélica era muito estimada por todos da cidade baiana, por sua dignidade, suas qualidades e seus conhecimentos. As irmãs estavam voltadas para as orações e pediam a intervenção de Nossa Senhora, nas causas da Pátria.

Mas do outro lado do atlântico outra história estava sendo escrita... e Joana Angélica iria, tragicamente, fazer parte dela...

Depois do retorno de D. João VI a Portugal, em abril de 1821, e com a atribuição da regência a D. Pedro, as cortes constitucionais portuguesas exigiram também a partida de D. Pedro com a pretensão de recolonizar o país. As notícias repercutiram como uma declaração de guerra, provocando grande tumulto e manifestações de desagrado.

No dia 31 de janeiro de 1822, uma nova Junta de Portugal foi eleita e no dia 11 de fevereiro chegou da Europa a notícia da nomeação do general lusitano Inácio Luiz Madeira de Melo, para comandante das Armas da Província.

O general português Madeira de Melo enfrentava a oposição do comando dos militares brasileiros com violência. Durante o ataque ao quartel da Mouraria, os soldados portugueses tentavam invadir o Convento da Lapa em busca de armas e inimigos supostamente escondidos. Os soldados portugueses, a golpes de machado, derrubaram as portas e invadiram o Convento da Lapa que compõe-se de uma clausura, cuja principal entrada é guarnecida por um portão de ferro.

Na ocasião, Joana Angélica era uma senhora de 60 anos...

Aqui a história se divide em duas. Segundo a história lusitana, agentes baianos do partido reacionário (pró-Independência) haviam se escondido no convento e atirado nos soldados de dentro do edifício. Mas a história brasileira contesta essa versão... Os historiadores brasileiros afirmam que as tropas portuguesas estavam entrando em diversos edifícios, praticando roubos e até mortes, com o pretexto de que tiros eram dados de dentro de determinado local; assim como acontecera com o convento. 'Soldados invadindo localidades atirando e matando inocentes e dizendo que foi troca de tiro'...

(ABRE E LÊ JORNAL)

- O jornal *Diário da Bahia* publicou anos mais tarde a descrição da crise política e excessos cometidos pelos soldados lusitanos: "*A cidade surpreende-se com a designação de Madeira de Mello para o comando das Armas da Província. Vitoriosos, os comandados de Madeira apossam-se da cidade (...) ódio e vingança. Incêndios e saques. Selvagerias e homicídios*"

Mas voltemos ao fatídico dia...

Em 20 de fevereiro de 1822, entre 11 horas e meio dia, Um grupo de soldados tentava arrombar o portão do convento com uso de machados. Joana Angélica, uma senhora de 60 anos, ordenou às irmãs que fugissem pelos fundos o mais rápido possível. Quando os soldados finalmente adentraram o recinto, a fim de proteger a clausura e a integridade das irmãs, a Sórora se colocou como último obstáculo entre o convento e a tropa lusitana.

Diz a tradição, mas não sabemos se é verdade, que a madre superior exclamou aos seus agressores:

"*Para trás, bandidos. Respeitem a casa de Deus. Recuai, só penetrareis nesta casa passando por sobre o meu cadáver.*"

Mas os homens não temiam a ela ou a Deus e Joana Angélica morreu aos 60 anos atingida por um golpe de baioneta quando resistia à invasão pelas tropas portuguesas ao Convento da Lapa, em Salvador.

Ela ficou conhecida como a primeira mártir da grande luta que continuaria, até a definitiva libertação da Bahia, no ano seguinte, a 2 de julho, data efetiva da independência baiana, data marcante num contexto de rompimentos entre as partes da então América Portuguesa com a Metrópole...

(REZA. MUSICA INSTRUMENTAL)

Maria Quitéria

(Misto entre primeira e terceira pessoa) (uso de vídeo-projeção durante toda a cena mostrando pinturas e textos)

Maria Quitéria – Disseram que eu nasci em um corpo errado. Por motivos criados por aqueles que se dizem os donos do mundo, disseram que este corpo não meservia. Mas esse corpo não serve a você!

No topo da cadeia social está o macho branco hétero ditando as regras de conduta, de vestimenta, corpo, de tom e timbre de voz, os monarcas supremos. E tanto faz se isso é agora ou antes, se aqui ou lá. Sempre fomos vigiadas e colocadas num canto escuro e estranho. O que eles temem? Ninguém aqui quer ser você! Ninguém aqui quer ter o que você tem ou viver como você vive. Aqui existem pessoas que, como você, só desejam ser elas mesmas, ter o que lhes é de direito e viver como querem.

Todos! Todas!

Todes! Todes!

Isso te ofende?

Pois vamos falar um pouco da evolução da língua. Não estou aqui tratando simplesmente da língua portuguesa, mas da língua em sua amplitude e pluralidade. “Vós micê”/”você; “vamos em boa hora”/”vambora”/”umbora”/”bó”. Presidente ou presidenta? “estudante, estou de olho em você!”. Nesse caso, eu falei para ‘ele’, para ‘ela’, ou para “elu”?

Pois é, por mais que você queira enxergar e tratar o mundo exclusivamente através de sua lente, o mundo é muito mais do que o seu quadrado.

E quando você fala em tradição? Açoitemos os negros no tronco, então. Era algo comum em 1700. E que tal impedir as mulheres de votar?

Por causa de pessoas como você Maria Quitéria precisou se vestir de homem, porque no exército ela era impedida de entrar. Uma mulher, uma guerreira, muito mais homem do que muitos homens que queriam coloca-la em um tanque de lavar roupa e um fogão a lenha. Não, Maria Quitéria, como tantas outras Marias, tinha muito mais a oferecer, muito mais a fazer.

Maria Quitéria de Jesus nasceu na região que hoje conhecemos como Feira de Santana, em 27 de julho de 1792. Foi a filha primogênita de Gonçalo Alves de Almeida e de Quitéria Maria de Jesus. Sim, ela teve pai e mãe. E é importante sabermos deles, como é importante saber que antes de nós vieram nossos pais, e antes deles nossos avós, e outros antes deles também vieram. Não estamos aqui a toa. Muitos batalharam e hoje somos os sonhos que eles sonharam.

(VIDEO)

“Aos vinte e sete dias do mês de Julho de mil setecentos e noventa e oito, na Capela de S. Vicente, filial dessa Matriz de licença minha, o Reverendíssimo Manoel José de Jesus baptizou solemnemente e poz os

Santos Oleos a Maria, Maria, filha legítima do Gonçalo Alvares de Almeida e de Quitéria Maria de Jesus. Foram padrinhos, Antonio Gonçalves de Barros e sua irmã Josefa Maria de Jesus, moradores na freguesia de Agoa Fria, nada mais desta do que tudo para constar fiz este assento que por verdade assino. O vigário Miguel Ribeiro de Lima” (Livro de Baptizados de São José das Itapororocas, no arquivo da Secretaria do Arcebispado).

- Ah, que delícia ler esse texto datado de 1798 e ver como nossa língua mudou de lá pra cá.

Maria Quitéria ficou órfã de mãe, e depois faleceu também a sua primeira madrastra. Nessa ocasião registrava-se que a família possuía:

(VIDEO)

“Além do gado vacuum e cavalos avaliados em 173 mil réis, possuía 5 escravos: José Angola, Antônio Congo, Agostinho Mina, Antônio Cabra e Antônio Angola, todos num total de 590 mil réis. Em terras, o sítio do Licorizeiro, para criação de gado, avaliado em 200 mil réis; a casa de morada, coberta de palha, avaliada em 10 mil réis; uma roda de ralar mandioca em 6 mil réis e um tacho de cobre em 6 mil réis”

- Porque é tão importante saber esses dados? Para contextualizar.

Maria Felipa - Maria Felipa, negra, escrava liberta, marisqueira;

Joana Angélica - Joana Angélica, freira, de família abastada, pai português.

Maria Quitéria - Maria Quitéria, filha de dono de escravos. O que elas tem em comum:

Maria Felipa / Joana Angélica / Maria Quitéria - O sonho de liberdade transformado em luta!

Maria Quitéria - O pai de Maria Quitéria se casou outra vez, teve mais filhos. A família cresceu. Os bens se multiplicaram. Mas Maria Quitéria cresceu analfabeta. Segundo Maria Graham, que registrou a conversa que teve com Quitéria em seu livro Diário de uma viagem ao Brasil:

(VIDEO)

“Ela é iletrada, mas inteligente. Sua compreensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que, com educação, ela poderia ser uma pessoa notável. Não é particularmente masculina na aparência; seus modos são delicados e alegres”

- A essa altura vocês já devem ter percebido que estamos aqui falando das mulheres que fizeram a independência, independência de todas as formas que

podiam fazer. Já sabem que na Bahia, que abrigava uma expressiva elite portuguesa, as agitações de além-mar reverberaram na forma de lutas civis, principalmente entre os anos 1820 e 1822.

Pois bem, em setembro de 1822, a fazenda Serra da Agulha recebeu a visita de um emissário, que visava recrutar voluntários para engrossar as fileiras dos batalhões reunidos no Recôncavo contra as tropas portuguesas.

Quitéria se dirigiu então a casa da irmã, que era casada e vivia a uma pequena distância, e lhe contou que queria se juntar as tropas. Sua irmã lhe emprestou roupas de seu esposo, e ela se alistou como sendo José Medeiros. Lutou bravamente sob um disfarce que durou algumas semanas. Foi seu próprio pai que a denunciou ao exército. Ao ser descoberta, devido a seus feitos heroicos em batalha, sua habilidade com armas e a sua disciplina, manteve o título de cadete e recebeu uma espada. Ah, recebeu também uma saia e outros adereços. Essa mulher, Jose Medeiros, ou esse homem Maria Quitéria, defendeu regiões como Ilha de Maré, Pituba e Itapuã, recebendo como honraria a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Inspirou outras mulheres a se alistarem que seguiram sob seu comando.

Se ela casou? Se teve filhos? Quando morreu? Onde foi enterrada?

Poderíamos ficar aqui horas e horas falando dela mas, se eu tudo lhe contasse o que lhe sobraria de curiosidade?

O que fica de verdade disso tudo é que, independentemente de sua origem, de sua cor de pele, de sua fé ou religião, do seu gênero ou da sua sexualidade, você é importante. Basta você olhar a sua volta e você verá que ainda há muito a ser feito para conquistarmos nossas diversas facetas do que chamamos de *independência*.

(MÚSICA)

FIM